



O inglês britânico é mais inteligente?

Jornal da Universidade / 11 de janeiro de 2024 / Artigo

Linguística, Letras e Artes | Arthur Dexheimer Trein e Ubiratã Kichhöfel Alves refletem sobre as significações sociais atribuídas a idiomas, variedades e suas comunidades representativas

*Por Arthur Dexheimer Trein e Ubiratã Kichhöfel Alves

*Foto: Marcelo Pires/JU

Nesta edição, o JU apresenta uma série de artigos com relatos de pesquisas que receberam menção honrosa no último Salão de Iniciação Científica (SIC). Dessa forma, destacamos a pluralidade do conhecimento produzido na Universidade e a importância da formação de jovens pesquisadores para o desenvolvimento e a qualificação da ciência brasileira. Clique [aqui](#) para acessar todos os artigos.

Se você estudou inglês na sua vida, provavelmente já se deparou com afirmações como “o inglês britânico é o mais correto”, ou ainda “o inglês americano é tão mais bonito!”. Essas são crenças muito frequentes na sala de aula de inglês como língua não nativa, e têm grande impacto no ensino e aprendizado dessa língua adicional. Mas de onde será que elas vêm? E será que os alunos acreditam nessas frases? Essas são perguntas que o trabalho *Julgamentos atitudinais de profissionais brasileiros de inglês frente a variedades nativas da língua*, apresentado no XXXV Salão de Iniciação Científica da UFRGS, buscou responder.

Nós crescemos ouvindo que algumas variedades de uma língua são mais “educadas”, “elegantes” ou “sérias” do que outras. Da mesma maneira, estamos acostumados a ouvir que existem formas linguísticas que são “rudimentares”, “feias” ou “erradas”. Esses comentários são frequentes tanto para línguas maternas como para línguas não nativas. Quanto a esse tipo de crença, linguistas são vocais: não existe nenhuma língua ou variedade que seja intrinsecamente mais correta, bela, errada ou grosseira do que alguma outra – na verdade, tudo depende dos valores sociais que atribuímos às comunidades representativas de um idioma ou variedade. Assim, se achamos certo grupo social muito “refinado” e “admirável”, a variedade da língua que a ele associamos será vista, também, como mais prestigiosa. Se julgamos outro grupo como “burro”, porém, seu falar não será tido tão positivamente.

Esse tipo de ideologia linguística, ou preconceito, encontra solo fértil em muitos ambientes de ensino da língua inglesa. Desde nossos primeiros passos no idioma, somos instruídos – explícita ou implicitamente – de que os falares mais “corretos” e “adequados” são as variedades nativas da língua. Além disso, o currículo de língua inglesa tem seus preferidos, já que são dois os modelos linguísticos que têm representação hegemônica no ensino de pronúncia da língua inglesa: as variedades “padrão” do inglês dos Estados Unidos e da Inglaterra.

A grande influência desses dois modelos de língua leva muitos aprendizes a se sentirem inseguros(as) sobre seu sotaque estrangeiro e sobre sua pronúncia em inglês. Dessa maneira, muitos(as) tomam para si um objetivo específico: emular, na oralidade, falantes estadunidenses ou britânicos(as) da língua. Mesmo que essa fosse uma tarefa fácil – e, linguisticamente falando, ela não é –, resta, para muitos(as), uma dúvida no ar: entre essas duas variedades, qual que eu, como aprendiz de inglês, escolho como modelo? É aí que as diferentes crenças que temos sobre variedades da língua entram em jogo. Se eu quero soar inteligente, que variedade me remete à inteligência? E, se eu quero soar amigável, que variedade me traz esse sentimento? Justamente pelo fato de que essas significações parecerem influenciar importantes escolhas de pronúncia, é necessário que linguistas as identifiquem e documentem.

Para tal fim, vários estudos recorrem aos procedimentos metodológicos de pesquisas atitudinais. Essa área de investigação tem origem na década de 60 e, de maneira geral, objetiva identificar as significações sociais atribuídas a línguas, variedades e suas comunidades representativas. Algumas pesquisas no campo já tomaram como objeto as atitudes de aprendizes de inglês frente às variedades-modelo da língua, principalmente na Europa e na Ásia. De maneira geral, o que elas constatarem é que aprendizes e profissionais do idioma mantêm relações de solidariedade e atração social frente à variedade estadunidense, mas atribuem prestígio e status à variedade britânica. Essa segunda é, também, o modelo de pronúncia mais tradicional em vários contextos de aprendizado. Mas poucos estudos no campo destinaram-se a investigar as atitudes linguísticas de aprendizes na América Latina e no Brasil – regiões que, pela maior influência cultural dos Estados Unidos, podem evidenciar outros padrões de relações atitudinais.

Assim, tomamos como nosso objetivo de pesquisa identificar quais significações sociais estudantes e profissionais brasileiros de Letras – Inglês atribuem às variedades-modelo do ensino desse idioma. Para isso, 37 participantes ouviram trechos de produção oral de quatro falantes nativos(as) de inglês – um homem e uma mulher dos Estados Unidos e um homem e uma mulher da Inglaterra. O grupo registrou, a partir de escalas de seis pontos, seu grau de concordância com onze afirmações de valoração que propomos sobre cada locutor(a). Entre elas, estavam afirmações como *Eu acho que esse falante soa... inteligente, ... chato, gentil etc.* Nós então organizamos e analisamos estatisticamente os dados, buscando verificar se essas respostas são influenciadas pela variedade linguística dos(as) falantes.

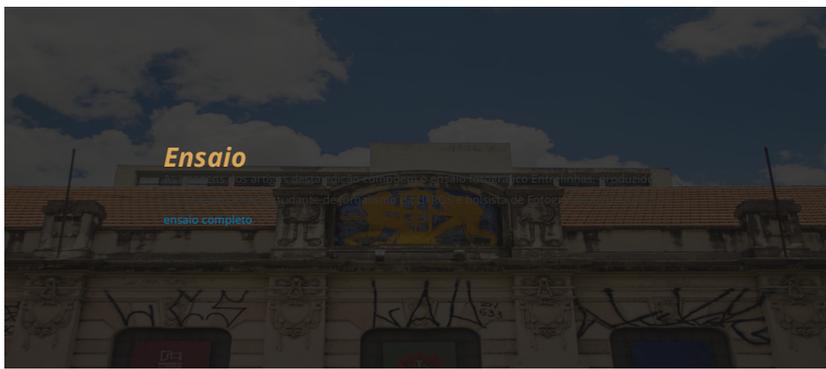
Os resultados nos levam a concluir que o grupo avaliador relaciona a variedade britânica a status e prestígio, mas mantém uma maior identificação social com a variedade estadunidense. Esses achados são parecidos com aqueles referentes a outros contextos de aprendizagem, como em vários países da Europa.

Mas nossa pesquisa também revelou um dado mais surpreendente: diferentemente do que acontece em outros lugares, parece ser a variedade norte-americana a que mais influencia as aspirações de pronúncia de estudantes e profissionais do idioma aqui no Brasil.

Tal descoberta demonstra que a maneira que aprendizes de inglês se relacionam com essas variedades-modelo depende, em grande medida, do contexto de aprendizagem em que esses estudantes estão inseridos. Além disso, ela aponta para uma renovada influência do modelo de pronúncia estadunidense – que, conforme mostram outras pesquisas, parece ser motivada pela maior presença da mídia norte-americana em mercados globais. Nossa investigação pode ajudar educadores(as) a compreender as significações sociais envolvidas no ensino da língua inglesa no Brasil, e, assim, contribuir para um maior entendimento das influências de atitudes linguísticas na aprendizagem de línguas não nativas.

Arthur Dexheimer Trein é graduando em Licenciatura em Letras.

Ubiratã Kichhöfel Alves é pesquisador do CNPq, professor do Departamento de Línguas Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLET).



“As manifestações expressas neste veículo não representam obrigatoriamente o posicionamento da UFRGS como um todo.”

:: Posts relacionados



Afrocentricidade em saúde: uma abordagem holística para acolhimento e representatividade de pessoas ...



Isadora dos Santos Rodrigues na resolução de conflitos



Os direitos humanos em Natalidade Saldanha

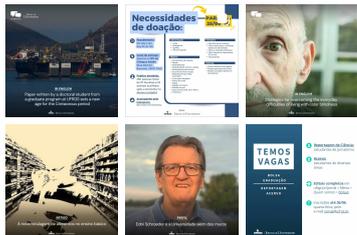


Usinagem de acabamento de poliâmida com ACR

INSTAGRAM

Jornal da Universidade ufrgs
@jornaluniversidadeufrgs

Follow



View on Instagram

REALIZAÇÃO

JORNAL DA UNIVERSIDADE

UFRGS
SECOM

UFRGS

CONTATO

Jornal da Universidade
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS

Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria – 8.andar | Câmpus Centro |
Bairro Farroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP:
90040-060

(51) 3308.3368

jornal@ufrgs.br